

# Mães ouvintes e filhos surdos: uma visão psicanalítica sobre relações afetivas na primeira infância que transcendem as diferenças

*Hearing mothers and deaf children: a psychoanalytic view  
of affective relationships in early childhood  
which transcend differences*

*Madres oyentes e hijos sordos: una visión psicoanalítica  
sobre las relaciones afectivas en la primera infancia  
que trasciende las diferencias*

*Valdete de Lima Ank Morais\**

*Sheila Tavares Baltazar\*\**

*Thalita Lacerda Nobre\*\*\**

## Resumo

*É por meio da linguagem que pensamos e expressamos nossos sentimentos e nos comunicamos com o mundo. Assim, cientes da importância das interações e relações interpessoais entre os sujeitos surdos e suas famílias, nosso estudo tem como objetivo pesquisar sobre a comunicação afetiva entre a mãe ouvinte e o filho surdo, focando, principalmente, nas dificuldades de aceitar a surdez do filho e de que forma essa resistência interfere no interesse pela aprendizagem da língua de sinais como meio de comunicação. Essas investigações foram elucidadas pelas experiências vivenciadas pela protagonista do filme “Sou surda e não sabia”. Acreditamos que esta pesquisa possa trazer espaços de reflexão sobre a importância da aquisição da língua de sinais para filhos*

\* Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR. E-mail: valdete.ank@gmail.com

\*\* Universidade Católica de São Paulo. E-mail: sheilatbaltazar@gmail.com

\*\*\* Universidade Paulista - UNIP e Universidade Católica de Santos - UNISANTOS. E-mail: thalitaln@gmail.com

surdos e seus pais, uma vez que a comunicação entre estes é fundamental para o seu desenvolvimento físico e psíquico, bem como primordial para se alcançar uma interação desses surdos com o mundo, o qual se relaciona por meio da linguagem oral. A utilização de um filme como objeto de estudo nos permitiu trazer reflexões sobre a realidade a partir da história narrada.

**Palavras-chave:** Surdez; Comunicação afetiva; Língua brasileira de sinais.

## Abstract

*It is through language that we think and express our feelings and communicate with the world. Thus, aware of the importance of interactions and interpersonal relationships between deaf people and their families, our study aims to research the affective communication between listener mother and deaf child, focusing mainly on the difficulties of accepting the deafness of the child and how this resistance interfered with interest in sign language learning as a means of communication. These investigations were elucidated by the experiences lived out by the protagonist of the film "I am deaf and did not know." We believe that this research can lead to reflection and discussion on the importance of sign language acquisition for deaf children and their parents, as communication is crucial for their physical and mental development as well as central to achieving an interaction of these deaf people with the world, which is reported through oral language. The use of a film as an object of study allowed us to reflect about this reality, from the story told.*

**Keywords:** Deafness; Affective communication; Brazilian sign language.

## Resumen

*Es por medio del lenguaje que pensamos y expresamos nuestros sentimientos y nos comunicamos con el mundo. Así, sabiendo de la importancia de las interacciones y relaciones interpersonales, entre las personas sordas y sus familias, nuestro estudio tiene como objetivo investigar sobre la comunicación afectiva entre madre oyente y el hijo sordo, enfocándose principalmente en las dificultades de aceptar la sordera del hijo y, de qué forma esa resistencia interfirió en el interés por el aprendizaje de la lengua de señas, como medio de comunicación. Estas investigaciones fueron elucidadas por las experiencias vivenciadas por la protagonista del filme "Soy sorda y no sabía". Creemos que esta investigación puede traer espacios de reflexiones sobre la importancia de la adquisición de la lengua de señas para hijos sordos y sus padres, una vez que la comunicación de éstos es fundamental para su desarrollo físico y psíquico, así como primordial para alcanzar una interacción con el mundo, el cual se relaciona por medio del lenguaje oral. La utilización de una película como objeto de estudio nos permitió traer reflexiones sobre la realidad, a partir de la historia narrada.*

**Palabras clave:** Sordera; Comunicación afectiva; Lengua brasileña de signos

## INTRODUÇÃO

A partir da convivência com alunos/surdos durante o período de realização de um curso de língua brasileira de sinais (libras), observou-se que os pais destes não possuíam deficiência auditiva e apresentavam dificuldades de comunicação em libras com seus filhos. Compreende-se que a mãe (ou cuidadora) estabelece os primeiros contatos com o filho mediante uma linguagem particular (sinais), a Língua de Sinais Caseira (LSC)<sup>1</sup>, e aos poucos introduz a criança no mundo da fala. Mas, se a criança é surda, percebe-se que o uso da linguagem caseira tende a continuar como forma de comunicação com o ouvinte. Provavelmente os pais haviam construído em seu imaginário um filho ouvinte, o que não condiz com a realidade de um indivíduo surdo. Esta situação conflitante traz pensamentos e sentimentos aos pais, durante a convivência com o filho/surdo, que parecem influenciar no desenvolvimento psíquico deste indivíduo/surdo por toda sua vida.

Assim, cientes da importância das interações e relações interpessoais entre os sujeitos surdos e suas famílias, realizamos um estudo que discutiu a relevância da comunicação afetiva entre os pais ouvintes e o filho surdo, especialmente pela mãe (geralmente o principal cuidador), bem como as dificuldades em aceitar a surdez e a interferência dessa resistência na aprendizagem da língua de sinais como meio de comunicação.

Neste trabalho utilizamos a pesquisa qualitativa, conforme proposta de Gil (2010), no livro “Como elaborar projetos de pesquisa”. Isto significa que o presente estudo trata do sujeito, considerando seus traços subjetivos e suas particularidades, a partir do referencial teórico psicanalítico e, como método, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, a fim de fornecer subsídios para o entendimento e o levantamento de questões sobre o tema, bem como para a análise do filme “Sou surda e não sabia”, um documentário francês produzido em 2009 e dirigido por Igor Ochronowicz.

Acreditamos que esta pesquisa possa trazer espaços de reflexão sobre a importância de aquisição da Libras para filhos surdos e seus pais, uma

---

1 Conforme definido por Silva (2008).

vez que a comunicação desses é fundamental para o seu desenvolvimento físico e psíquico e para propiciar o alcance da interação do surdo com o mundo, que se relaciona por meio da língua oral.

Por meio da leitura das obras de Freud, Lacan e outros autores de orientação psicanalítica, o tema em questão foi dividido em tópicos. Primeiro, abordamos a situação da surdez, a língua de sinais e a identidade, o que implica seus efeitos na vida de um sujeito surdo. Em um segundo momento, discutimos sobre como a linguagem se constitui no sujeito e seus processos de identificação, os quais envolvem a comunicação afetiva mãe-bebê, o processo narcísico, a noção de “double bind” e os não-ditos, impedindo a articulação de significantes, como a produção de sentido na relação comunicativa entre pais ouvintes e filhos surdos.

## SURDEZ

Os indivíduos surdos desde o nascimento, acidentados ou sequelados de diversas doenças, são submetidos a experiências contínuas e tendem a se esforçar para comunicar ideias, sentimentos, anseios, dificuldades ou simplesmente para interagir com os outros, satisfazendo uma necessidade de todo ser humano. Ser surdo, nascer surdo ou adquirir surdez no decorrer da vida implica em transformações e/ou adaptações no seu viver, conforme expõe Santana (2007, p. 34): “uma pessoa surda é aquela que, por ter um déficit de audição, apresenta uma diferença com respeito ao padrão esperado e, portanto, deve construir uma identidade em termos dessa diferença para integrar-se na sociedade e na cultura em que nasceu.”

É necessário, pois, analisar que ser surdo ou deficiente auditivo implica em perdas auditivas, de sons e falas que podem interferir na comunicação verbal e socialização dos indivíduos. De acordo com Bisol & Sperb (2010, p. 07), “[...] as pessoas surdas têm uma deficiência, pois lhes falta ou está prejudicado o sentido da audição”. E, uma vez que um dos sentidos se prejudica, é possível considerar que afeta singularmente o modo do sujeito se colocar e se perceber no mundo. (Cromack, 2004, p. 09). Outro entendimento acerca da surdez ressalta que, nos dias atuais, “[...] muitos surdos e pesquisadores consideram que o termo “surdo” refere-se

ao indivíduo que percebe o mundo por meio de experiências visuais e opta por utilizar a língua de sinais, valorizando a cultura e a comunidade surda” (Lima, 2006, p. 20).

Essa convivência com a comunidade surda é importantíssima para que o indivíduo compreenda o que é ser surdo, que difere da concepção de ser um deficiente auditivo. A surdez interfere nas experiências da vida, sem afetar a inteligência e a capacidade de resposta emocional, de desenvolvimento e maturação normais. No entanto, a criança surda pode não alcançar o lugar que seus pais projetam para ela. Daí a frustração de muitos pais na aceitação do diagnóstico do filho, podendo a surdez ser manifesta ou mascarada, provocando alternância e trocas conscientes e inconscientes entre a mãe e a criança (Bisol & Sperb, 2010). Sobre esse assunto, no início do filme em análise, “Sou surda e não sabia”, um especialista na área de saúde comenta sobre sua experiência em relação a como enunciar o diagnóstico de surdez aos pais, em razão do preconceito e das consequências de privação da fala:

Aqueles que se ocupam precocemente da questão de anunciar o diagnóstico. São extremamente orientados por sua formação para uma idealização do sonoro, que só concebe a fala e a linguagem pelo veículo sonoro. Para eles, ser acometidos de surdez significa ser privado da fala e da linguagem. É uma doença porque a pessoa não pode falar. É um conceito completamente abusivo e parcial. Uma criança pequena é plenamente capaz de se comunicar através de gestos e isso se constrói dentro da relação com o que o cerca, de uma rede de linguagem que lhe dá a possibilidade de se expressar. (Sou surda e não sabia, 2009)

Entretanto, o surdo vem conquistando, no decorrer da história, espaço na sociedade, nos ambientes de trabalho, acadêmicos e culturais. A proposta de inclusão, legitimada pela Constituição Federal, tem mudado aos poucos o modo como vemos e caracterizamos o indivíduo surdo. A aquisição da língua de sinais e sua oficialização e propagação em alguns setores públicos, escolas e departamentos particulares tem promovido um reconhecimento do que é surdez e de suas especificidades, bem como da socialização do sujeito.

Segundo Santana (2007), a surdez está em processo de entendimento, passando “[...] da condição de patologia à condição de fenômeno social ou político-social [...] de deficiente auditivo para surdo [...]”. Agora, são vistos como diferentes” (p. 32). A partir dessa perspectiva da autora, o surdo é atualmente identificado como um indivíduo distinto da maioria de sujeitos ouvintes, que passa a possuir identidade, que participa de uma cultura, de uma comunidade que o iguala aos demais integrantes dela. Para o sujeito, esse processo de aquisição da língua de sinais ocorre de forma espontânea na infância e a partir do contato com seus pares, adultos surdos e/ou conhecedores da Libras. “As experiências mais promissoras indicam para a necessidade de atuação direta dos adultos surdos sinalizadores com os surdos que não têm acesso à língua de sinais, para que este se dê de forma rápida e eficiente” (Dizeu & Caporali, 2005, p. 583). Os surdos transmitiriam, além da língua, outros gestos, comportamentos apropriados à cultura, à comunidade com a qual se identificam.

## LÍNGUA DE SINAIS E OS PROCESSOS IDENTITÁRIOS

A língua de sinais tende a aproximar os indivíduos que dela se utilizam e expandir uma cultura própria. “Todo sujeito precisa interagir em seu meio, apropriar-se de sua cultura e de sua história e formar sua identidade por intermédio do convívio com o outro” (Dizeu & Caporali, 2005, p. 595). O convívio com o outro é indispensável para o ser humano, somos seres sociáveis e pertencentes a uma cultura. Daí a necessidade de estarmos inseridos em um grupo e/ou comunidade. A língua de sinais é necessária para que haja condições mais propícias à expansão das relações interpessoais, constituindo o funcionamento cognitivo e afetivo, promovendo a constituição da subjetividade. Aprender uma língua diz respeito a atribuir significados ao mundo, a partir daqueles símbolos próprios relativos a uma cultura específica (Dizeu & Caporali, 2005).

A diferença na linguagem, língua e expressões, em especial o uso da Libras (Língua Brasileira de Sinais) como meio de comunicação difere o surdo da maioria. Para Moreira (2014, p. 194), “[...] a defesa e a proteção da língua de sinais pelos surdos, mais que significar uma autossuficiência

e o direito de pertença a um mundo particular, parece significar a proteção dos traços de humanidade [...]”. Essa língua proporcionará para a criança surda, além do acesso à aquisição de linguagem, o conhecimento do mundo e de si mesma. Para que isso aconteça é necessária uma boa relação entre mãe (ou cuidador) e bebê. Em geral, a mãe considera seu bebê, investe na linguagem oral com a criança porque acredita que ela começará a falar, desenvolvendo-se com o tempo. Esse receberá, por sua vez, inúmeros estímulos provenientes da linguagem da mãe (Moura, 2011), sendo fundamental o papel da família no desempenho do repertório da criança surda, bem como no seu desenvolvimento como um todo.

A constatação de surdez pode trazer um sentimento de perda para a família, bem como a incapacidade de saber o que fazer. Por essa razão, há necessidade de uma orientação sobre a importância da aquisição de linguagem no desenvolvimento linguístico, cognitivo e emocional para a criança surda. Aspectos psicológicos são avaliados com a família, facilitando que se torne apta para lidar com essa nova realidade apresentada (Moura, 2011).

A medicina moderna, juntamente com a fonoaudiologia, tornou disponíveis aparelhos de reabilitação auditiva, denominados implantes cocleares. Estes são colocados cirurgicamente na cóclea com o objetivo de promover o estímulo de fibras nervosas intactas do indivíduo. Porém, a linguagem adquirida por meio desses aparatos não será desenvolvida de forma natural. Em meio a essas providências, Moura (2011) afirma que pode haver um enfraquecimento das relações familiares decorrentes da deficiência de aquisição e desenvolvimento incompleto da linguagem. Nesse contexto, a língua de sinais poderia ser utilizada no desenvolvimento de linguagem pela criança surda, cumprindo o papel da língua oral. Não tendo acesso ao canal auditivo, a criança surda se utiliza do canal visual, mesmo que este não lhe seja ensinado por sua família. Por outro lado, a Libras e o implante coclear podem ser associados. Essa associação pode ser benéfica à criança surda, visto que a criança pode usar Libras e/ou se comunicar oralmente se tiver condições e interesse pela língua falada.

Num país em que o sistema educacional prevê a inclusão de crianças com deficiências, incluindo os surdos, possibilitando que todas elas tenham

as mesmas oportunidades de ensino-aprendizagem, inferimos: como o surdo pode se desenvolver como um sujeito bilíngue? A fim de responder essa questão, Moura (2011) propõe como medida para auxiliar a criança diagnosticada com surdez que seu conhecimento em Libras seja iniciado o mais cedo possível. Na maioria das vezes, no entanto, isso irá acontecer muito tempo após o diagnóstico de surdez, por inúmeros motivos, como falta de local para tal aprendizagem.

Por meio da linguagem, o indivíduo compreende, é compreendido e interfere no mundo em que vive, algo que se dá por meio dos objetos identificatórios. Portanto, o surdo identifica-se e torna-se identificado pela comunidade da qual faz parte. Dessa forma, conforme escrevem Salles, Faulstich, Carvalho & Ramos, (2004, p. 40) “uma Cultura Surda ajuda a construir uma identidade das pessoas surdas. Por esse motivo, falar em Cultura Surda significa também evocar uma questão identitária”. A identificação entre os indivíduos semelhantes parte de um pressuposto em comum, sua maneira de ser, seus costumes e a cultura compartilhada entre todos. Formam-se as comunidades, onde um grupo de pessoas se reúne em determinada área geográfica, compartilhando interesses comuns e interligados em suas crenças e ideias. De acordo com Dizeu & Caporali, a comunidade surda pode ser entendida como:

[...] representada por associações, igrejas, escolas, clubes, ou seja, qualquer lugar onde um grupo de surdos se reúne e divulga sua cultura, troca ideias e experiências e usa a língua de sinais. Dessa forma ela exerce um papel construtor para a identidade surda, pois é por meio dela que ocorrem as identificações com seus pares e a aceitação da diferença, não como um deficiente ou não normal, mas com uma cultura rica que possui valores e língua própria (2005, p. 594).

O surdo tem um jeito singular e solidário, compartilhado com seus pares, em meio as comunidades surdas; é observável o contato mútuo entre eles, que, com suas percepções gestuais/visuais, trocam informações, conhecimentos, crenças, valores e hábitos, transmitidos por gerações. É importante ressaltar que “o que atrai o surdo a integrar-se em uma comunidade surda são as possibilidades comunicativas e a identificação de si, que lhe causam uma participação confortável de convívio” (Dizeu & Caporali,



2005, p. 594). Assim é porque, ao se relacionar com iguais da comunidade, os surdos podem obter fortalecimento de sua identidade, o que pode trazer segurança. Além disso, as trocas de experiências semelhantes, como as dificuldades encontradas no ambiente escolar, podem ajudá-los a visar o bem-estar de todos: direito à vida, à cultura, à educação, entre outros. Neste sentido, surge, a partir do contato surdo-surdo, a Comunidade Surda, as associações, etc. Nestas instituições também surgem movimentos de pessoas surdas (Salles et al., 2004).

Um exemplo dessas instituições no Brasil é a FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. De acordo com Salles et al., essa instituição é:

Um dos espaços conquistados pelos surdos, onde partilham ideias, concepções, significados, valores e sentimentos, que emergem, também, no Teatro Surdo, no Humor Surdo, na Poesia Surda, na Pintura Surda, na Escultura Surda e assim por diante - manifestações culturais e artísticas, sem a interferência de ouvintes, que refletem peculiaridades da Visão Surda do mundo e envolvem questões de relacionamento, educação, entre outras. (2004, p. 42)

Geralmente, uma vez por ano, são realizadas no Brasil e em outros países diversas atividades, como congressos, seminários, campanhas, atividades festivas e esportivas dentre as quais são colocados em evidência seu modo específico de ser, de pensar e de viver. A CBDS – Confederação Brasileira de Desportos de Surdos busca a integração do surdo por meio do esporte e do lazer. Outros temas da comunidade surda estão relacionados aos seus direitos, incluindo participação na política, área educacional e saúde. Ainda há muito a ser realizado. No entanto, a oficialização da língua de sinais abriu espaço para muitas dessas realizações esperadas pelas comunidades surdas e de ouvintes.

## LINGUAGEM PRIMEIRA: RELAÇÃO AFETIVA MÃE-BEBÊ

Por meio do sistema linguístico nos inserimos como indivíduos na sociedade. A possibilidade de falar permite ao sujeito uma forma de relacionar-se ou estabelecer uma correlação com os outros. Cada símbolo

linguístico pertence a vários registros ao mesmo tempo. Logo, “ousar não falar” pode ser entendido como anulação do outro, ou seja, não há articulação com o outro (Lacan, 1996). No entanto, não nascemos falantes, precisamos ser introduzidos no universo do simbólico, da palavra.

Por tradição, todos os indivíduos se inserem em um sistema simbólico “formidavelmente intrincado”, no qual o nosso discurso se desloca, se recorta, é constituído por afluências, sobredeterminações (leis da linguagem), situando-se em diferentes registros (Lacan, 1996). Quanto ao registro, basta que “surta efeitos no sujeito, que ele se faça ouvir, pois esses efeitos se dão sem o conhecimento dele [...]” (Lacan, 1998, p. 295). Assim é porque o sujeito diz muito mais do que pensa em dizer (Lacan, 1996).

O mesmo autor, ao falar da questão polarizante entre “o ego” e “a palavra”, critica “a famosa” oposição entre o intelectual e o afetivo. O intelectual seria designado como uma produção do simbólico; a palavra, a formulação discursiva do sujeito. Ao contrário, a manifestação afetiva não seria uma “espécie de coloração inefável” faltante na elaboração intelectual e, a produção do simbólico não seria anterior a formulação discursiva. Podemos entender que a comunicação afetiva é a primeira forma de comunicação entre o bebê e seus pais. A criança possui seu sistema de linguagem próprio e o utiliza com o outro, no intuito de estabelecer provas da realidade, segundo o autor: “a prova é que brinca com ele [*bebê*]. Serve-se dela para fazer um jogo de oposição contra as tentativas de intrusão dos adultos” (Lacan, 1996, p. 101, colchetes nossos).

O estado primitivo da formação do Eu é de continente (o corpo da mãe) e de conteúdo (conteúdo do corpo dessa mãe). Lacan expõe que a criança, no seu desenvolvimento afetivo (de 15 a 18 meses), ainda não tem acesso ao Outro; portanto, ignora a tarefa de se comunicar, de fazer-se compreender, mas possui alguma coisa da linguagem, podendo ser compreendida. Para a criança “tudo lhe é igualmente real, igualmente indiferente” (Lacan, 1996, p. 98). Portanto, a primeira imagem construída pela realidade infantil é a imagem fantasiada do corpo da mãe.

Dessas reflexões chega-se à conclusão de que a linguagem e a palavra não são a mesma coisa. A criança pode ser mestre na linguagem e não falar, não responder. Dentro do campo de comunicação afetiva entre mãe e bebê,

o real e o imaginário são equivalentes para a criança. O mundo real significa mundo exterior, “humanizado, simbolizado, feito da transcendência introduzida pelo símbolo na realidade primitiva [...]” (Lacan, 1996, p. 105). Compreendendo que a linguagem primeira, “primitiva”, é a envolvida principalmente nas expressões corporais, nossa pesquisa considerou e analisou a possibilidade de a mãe ouvinte escolher – ainda que inconscientemente – por não mais verbalizar com a criança (filho) ao saber que esta é surda. Nessa condição, segundo nossa hipótese, confirmada pelo depoimento de Sandrine, no filme, a criança esteve diante não somente da impossibilidade de falar, mas também diante do não-dito, daquilo que não é expresso por palavras, por parte dos pais ouvintes (Sou Surda..., 2009).

Acerca do não-dito pelos pais, a hipótese que pudemos levantar foi a de que poderia ocorrer uma “interdição de significantes” – a fala dos pais, principalmente da mãe – de modo que impedissem a articulação entre o próprio significante e a produção de sentido. Entre esses não-ditos estaria a própria negação à criança de sua condição de surdez (Rosa, 2003). Nossa hipótese é a de que isso pode ter ocorrido com Sandrine, já que, conforme o próprio título do documentário intitula, a protagonista declara: “Sou surda e não sabia”.

Na procura por tratamentos médicos e na insistência de introduzir a criança surda na comunidade oral, outros saberes lhe foram negados. O foco dado pelos pais de Sandrine foi apenas na aprendizagem da língua oral e na busca incessante por resultados positivos da medicina quanto à audição. No mundo imaginário, as primeiras experiências de satisfação do bebê se apresentam por meio dos objetos parciais: o seio, o olhar, ou seja, os afetos e cuidados presentes na relação. Lacan (1996) refere-se a estes como objetos pulsionais (os seios, o olhar, a voz e as fezes). Estes objetos representam as primeiras experiências de satisfação da criança. Neste momento, a criança não tem representações totais das pessoas (dois pais), nem de si mesmo, do seu próprio corpo. Assim, as relações da criança são as criadas por elementos relacionados a ela.

Lacan (1996) recorre à concepção freudiana de que o objeto é, antes de tudo, um objeto de satisfação, de desejo da relação primária, sendo a relação do objeto fundamental, as relações da criança com a mãe, uma forma

plena, típica de amor primário. Se não há satisfação, o amor primário pode não aparecer. Essa primeira relação de objeto do ser humano tende a ser uma relação satisfatoriamente perfeita, tanto para o bebê quanto para a mãe. Portanto, podemos dizer que existe uma forma relacional particular na relação afetiva mãe-bebê nomeada por Lacan (2008) como “a nuvem encantadora de seios”. Neste momento, a criança habita um mundo imaginário, fantasma, de objetos fantasmáticos. Neste mundo, a produção de significações representa a realização de seus desejos – o princípio do prazer.

Nesse sentido, podemos constatar com Lacan (1996) a constituição do Eu através de imagens, o narcisismo, designado no estádio do espelho, que revela o “eu ideal”. Nesse momento, deflagra-se o conflito (consciente e inconsciente) da relação dual entre mãe-criança. A criança se reconhece na sua própria imagem, se identificando, expressando linguagem. Segundo Lacan (1995), para compreender a relação de objeto é necessário incluir outro elemento: o falo. Logo, o autor complementa o raciocínio propondo a tríade imaginária: mãe/criança/falo. O falo é até certo grau “[...] o próprio signo do que é desejado” (Lacan, 1998, p. 363). A criança, se identificando como objeto de desejo da mãe, se coloca no lugar imaginário do falo. Ou seja, a criança supre a falta do falo desejado pela mãe.

No desenvolvimento das relações emblemáticas mãe-criança “[...] reencontram-se em toda a continuação da gênese, os traços e os reflexos dessa posição inicial.” (Lacan, 1998, p. 28). O pai, como quarto elemento dessa relação mãe/criança/falo, desempenha a função de fazer o corte na relação mãe-criança. Sendo assim, a função paterna é a de promover a separação, ser o agente da castração. Conforme Lacan (1998, p. 162) o esperado é “[...] que o sujeito, seja por que lado for, tenha adquirido a dimensão do Nome-do-Pai”. Desse modo, os pais têm como função possibilitar a inserção da criança na ordem simbólica.

## O NARCISISMO

O termo “narcisismo” foi utilizado por Näcké, em 1899, para explicar a conduta do indivíduo que vê e trata o próprio corpo como objeto sexual, obtendo prazer mediante seus atos de carícia em si mesmo. Essa forma de

pensar conduz o conceito de narcisismo ao estudo da perversão, já que a atividade autoerótica é uma forma de satisfação sexual que se desvia do fim procriativo. Dentro de outra conjuntura, o conceito aparece junto ao desenvolvimento sexual do ser humano (Freud, 2010). Em outras palavras, a sexualidade infantil parte da erotização das partes erógenas do corpo, sendo caracterizada pelas pulsões parciais. Logo, as pulsões sexuais primeiras da criança são regidas pelo princípio do prazer.

O autoerotismo, o estágio inicial da libido, é uma suposição necessária, pois o “eu” não existe desde o nascimento do bebê. Outro impulso em conexão com o autoerotismo é a pulsão autoconservativa, referente a cada ser vivo. Para que haja atividade autoerótica é necessário ter havido investimento narcísico no sujeito, e este sujeito tem a possibilidade de voltar para si a busca pelo prazer. Como Freud (2010, p. 25) postula, quando vemos a comunicação afetiva dos pais para com seus filhos: “[...] temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado. [...] Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições — que um observador neutro nelas não encontraria — e a ocultar e esquecer todos os defeitos [...]” O amor dos pais pelo filho representa o renascimento do narcisismo destes e as perturbações desse narcisismo original da criança, como a suspeita ou o próprio diagnóstico de surdez, podem suscitar a angústia de castração.

A partir das observações e concepções da vida psíquica das crianças e dos povos primitivos, Freud (2010), ao desenvolver a teoria da libido, se depara com traços como a “superestimação do poder de seus desejos e atos psíquicos, a ‘onipotência dos pensamentos’ uma crença na força mágica das palavras, uma técnica de lidar com o mundo externo, a ‘magia’ [...]” (p. 11-12). É possível encontrar traços dessa onipotência no caso da mãe ouvinte de uma criança surda. Ela poderia, por meio da “superestimação do seu poder”, negar a ouvir o diagnóstico de surdez de seu filho. Essa dificuldade de confrontação da realidade pode levar ao uso de defesas para lidar com o mundo externo. O poder de seu desejo de ter um filho saudável, “normal”, sem patologias, a manteriam em uma condição de negação. Assim, seu desejo parece ser imposto por si mesma, como “mágica”. É o modo que o psiquismo encontra para manter o investimento libidinal no filho.

Nos momentos iniciais da constituição psíquica, o filho é uma extensão da mãe e ela ficaria em um estado de “enamoramamento”, encantamento pelo seu filho, empregando mais a libido a favor do objeto-filho, preferencialmente à outra parte, seu próprio Eu. Conforme Freud (2010), o estado de enamoramamento se “[...] apresenta como um abandono da própria personalidade em favor do investimento de objeto [...]” (p. 12). A mãe, possivelmente sofre ao saber do diagnóstico de problemas de audição de seu filho e ela poderá ter más sensações quanto ao seu ingresso na sociedade, devido ao preconceito que pode sofrer dos outros. Esta mãe pode abandonar o interesse pelas coisas ou pessoas do mundo externo, uma vez que estes não dizem respeito ao seu sofrimento. No filme em análise, a mãe da personagem Sandrine investe na busca pela “cura”, pela condição de “normalidade” do filho, expressada pela medicina e pela escola.

Segundo Freud (2010), quem sofre de dor orgânica vê-se obrigado a retirar seu interesse libidinal dos objetos e investir de volta para o Eu. Há “uma retração narcísica das posições da libido para a própria pessoa” (p. 17-18). Pode-se dizer que o egoísmo da mãe protege a si mesma e ao seu bebê de um possível adoecimento. Também, a mãe ouvinte, a respeito de seu sofrimento por ter um filho surdo, pode retirar o interesse libidinal de seus objetos amorosos, ou seja, cessa de amar enquanto sofre. Nesse movimento, a mãe ouvinte pode se afastar do filho surdo, como se este fosse um estranho. No filme em discussão, a personagem Sandrine fez uma comparação da comunicação afetiva na relação familiar no decorrer do tempo, após a enunciação do diagnóstico de surdez:

Minhas primeiras lembranças são visuais, as cores, as paisagens, as expressões de quem me cercava. ...Tudo isso me causava emoções...O sorriso da minha mãe, um sorriso de quem queria dizer “eu te amo” [...]. Também havia o toque... ser tocada, as carícias. Uma mão no meu rosto, tudo isso era uma ligação. [...] Hoje entendo o que aconteceu com meus pais. Quando souberam que eu era surda, ficaram arrasados...totalmente perdidos. E a ligação que tínhamos, aquela harmonia, se desfez. Tinha a impressão que eles não me viam mais como um bebê, mas como um ouvido...ouvido enorme e ambulante [...] A relação com meus pais que até então era calorosa começou a mudar, estavam frios. Uma distância se instalou entre nós [...]. Tentei restabelecer o contato, mas algo nos separava. (Sou surda, 2009, 4’22”; 5’02”; 14’11”)

É possível entender que, inicialmente, a comunicação era total, imersa no mundo da linguagem visual, calorosa, dos sentimentos, das emoções, do sorriso, dos gestos, das distâncias, do contato, do silêncio. Sob o olhar da personagem, percebemos o afastamento dos pais, como se a disposição de amar dos mesmos desvanecesse, devido a uma espécie de “quebra de contrato” afetivo que a filha pode ter realizado em relação ao narcisismo parental. Deparar-se com a deficiência da filha corresponderia a deparar-se com a ferida narcísica de não ter gerado um ser perfeito.

Em outra cena do filme, observamos a imersão de Sandrine numa linguagem transparente, invisível, ou seja, uma linguagem de sofrimento que a transpassa, gerando um sentimento de não pertencimento ao seu mundo familiar: “Em casa, com minha família eu era totalmente transparente e invisível... Eu via meus pais conversarem e me sentia excluída... Então eu nasci aqui por engano, eu não sou daqui. Sou de outro planeta, que é o meu mundo...” (Sou Surda, 2009, 33’45”). A partir do trecho anterior, podemos entender que os pais ouvintes experimentam um desprazer em relação à deficiência auditiva do filho. Ao mesmo tempo que pode gerar a “quebra de contrato” afetivo, ambos os lados terão que fazer ajustes para dar conta do desejo que não se cumprirá. Isso quer dizer: se os pais colocam o filho no lugar de resposta a seu desejo, este agora, mostra, pela via da deficiência, que não poderá ocupar este lugar. Isso pode gerar nos pais angústia e impotência e, conseqüentemente, conforme observamos no discurso de Sandrine, uma sensação de deslocamento, de não pertencimento ao lugar em que se encontra. No documentário analisado, há a exposição de que a surdez da filha é delegada aos cuidados de terceiros, da escola e dos médicos. Sem o cuidado esperado dos pais – que representa o desejo deles por ela –, Sandrine é reforçada a sentir-se fora de lugar, transparente, invisível.

É possível compreender, a partir de Freud (1996) que, do ponto de vista da constituição psíquica do sujeito, o nascimento seria o momento inaugural da angústia, protótipo de todas as situações ulteriores de perigo, primeiro trauma que, ao lançar o sujeito numa vivência de desamparo, acarretaria para o eu um excesso de quantidades de estímulo impossível de ser descarregadas. Para Lacan (2005, p. 23), a angústia é um afeto especial de ordem perturbatória que “tem estreita relação de estrutura com o que é um

sujeito” e não um sentimento. Ela está relacionada com o registro imaginário e se faz presente no lugar do objeto do desejo perturbado na relação com o ideal e na representação da falta. Também se apresenta no jogo da dialética que ocorre entre o desejo do outro e a identificação narcísica. Assim, os seres desejantes, os pais, podem sentir a falta, a incompletude, o que perturba o eu ideal de ambos: ter uma filha “normal”. A problemática do desejo tem relação com o ato da significação e afinidade com a dor.

### A COMUNICAÇÃO PAUTADA NA SIGNIFICAÇÃO: A NOÇÃO DE “DOUBLE BIND”

Lacan (1998), ao falar da gênese do distúrbio psicótico, traz as reflexões da Sra. Pankow sobre a noção de comunicação pautada na significação, na qual ocorre uma relação dupla, ou seja, a comunicação se mostra sob a forma de um “double bind”. Neste sentido, no plano da relação entre mãe e filho, a comunicação não está centrada apenas no contato, no relacionamento, mas também na significação. Para explicar o “double bind”, utilizou-se o exemplo da dupla decifração do comportamento da mãe realizado pela criança. A criança encontra-se num impasse: se o filho responde ao amor demonstrado pela mãe, ele provoca seu afastamento; e, se ele não responde e não lhe dá ouvidos, ele a perde. No enunciado, há duas mensagens que ocorrem de forma simultânea. Isso determina uma “[...] posição do sujeito profundamente dilacerado, em equilíbrio instável, perante o que a mensagem tem de constitutivo para ele” (Lacan, 1998, p. 151). Assim, surgem algumas questões: no “double bind” que envolve a relação mãe ouvinte e filho surdo, os enunciados dessa mãe, suas mensagens, seriam constitutivos para o seu filho? O que o significante tem de constitutivo na significação? O que acontece com o processo de comunicação que não é constitutivo para o sujeito?

Lacan (1998) postula a propósito das psicoses; porém, o que podemos perceber na relação mãe ouvinte e filho surdo é que a constatação, na realidade, de que o filho não é resposta do narcisismo destes pais exigirá um ajuste que pode ser feito de modo mais fácil e rápido, de acordo com a constituição psíquica dos mesmos. A criança também vivenciará esse ajuste



parental. Por essa razão, o que se pretende discutir nesse trabalho é a forma como se dá esse ajuste psíquico, que influenciará no modo como os pais lidarão com o acesso (ou não) do filho surdo ao mundo do discurso falado.

O “double bind” traz para a criança surda muito mais do que uma confusão de significados da decifração da comunicação não-verbal associada à verbal, seria uma ruptura constituinte do sujeito, do surdo, como também da função significante no sujeito (criança) surdo. Segundo Lacan (1998, p. 152), não se pode deixar de pressentir sobre as significações criadas a partir desse impasse: “[...] deve haver alguma coisa no princípio desse déficit [...] a falta de alguma coisa que funda a própria significação, e que é o significante – e mais alguma coisa [...]”.

E essa “alguma coisa” é o “texto da lei”, chamado por Lacan de o “Nome-do-Pai”, ou seja, o pai simbólico. “Esse é um termo que subsiste no nível do significante que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. E o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro” (Lacan, 1998, p.152). O texto da lei, a entrada na cultura, na vida social, para os sujeitos surdos poderia ser a língua de sinais, Libras, no Brasil.

Para Lacan (1998, p. 152) o que constituiu essencialmente a descoberta freudiana é o “[...] fato de a cadeia significante continuar a se desenrolar e a se ordenar no Outro [...]”. Ou seja, a cadeia significante é a “fala” do sujeito, que o inscreve na função significante, e que dá ao sujeito as condições adequadas para a existência da lei (do nome do pai). Entende-se que a origem dessa lei possa ser expressa no pensamento freudiano pelo mito de Édipo. Em outras palavras, não é suficiente ter o Nome-do-Pai, “mas é também preciso que saibamos servir-nos dele. E disso que o destino e o resultado de toda a história podem depender muito” (Lacan, 1998, p. 163). O que se refere à função do pai, na metáfora paterna, é expressa em termos de “relações inter-humanas”, ou seja, a metáfora paterna estaria relacionada à entrada do sujeito no mundo simbólico, a partir do real, na vida em sociedade.

No filme em análise, a personagem Sandrine é introduzida no mundo simbólico e a nomeação do pai, que permite a inserção na cultura, pode fazer-se presente quando encontrou-se com sujeitos surdos que lhe apresentaram a língua de sinais, aos nove anos de idade. Nessa passagem,

ela diz: “Foi a primeira vez que conheci Surdos. Fiquei perturbada...foi forte...caí na real. [...] a solidão havia acabado. Eu encontrara meus iguais, que eu conseguia entender e que me entendiam... todos os meus temores desapareceram...não estava mais sozinha.” (Sou Surda..., 2009, 32’24”). Entendemos, a partir dessa passagem, que Sandrine fora incluída pela linguagem parental ao discurso simbólico. Porém, essa situação somente tornou-se mais aparente de apaziguadora de ansiedade quando se sentiu incluída no discurso do meio, da comunidade surda.

## NÃO COMUNICAÇÃO: O NÃO-DITO FAMILIAR

Em um dos momentos do documentário, é apresentado que a personagem Sandrine percebia que algo não ia bem dentro de sua casa. Seu estranhamento denunciava uma espécie de segredo sobre a comunicação: como ela poderia se comunicar? Não saber que era surda criou condições para que ela pudesse pensar e criar pressuposições sobre a transmissão de saberes. Ela tentava decifrar esse segredo: será que as pessoas se comunicavam telepaticamente? Ela recorda: “Quando eu era pequena achava que as pessoas se comunicavam por telepatia... que conversavam com o cérebro. Eu dizia coisas mentalmente, enviava mensagens, mas ninguém me respondia. Tentava chamá-los mentalmente, mas eles não respondiam.” (Sou Surda, 2009, 16’49”). É possível interpretar, por meio da sensação relatada por Sandrine, que não se tratava de telepatia, mas, sim, de um mecanismo de transmissão inconsciente pela linguagem. Ela sabia que o segredo tinha a ver com a comunicação, com aquilo a que ela não poderia ter acesso. Ao não-dito pela quebra de contrato com os pais quando da descoberta da surdez. Ao não dito e ao não escutado.

As dificuldades vivenciadas pelos familiares de surdos, com a falta de comunicação, constituem o principal empecilho no relacionamento entre os filhos surdos e seus genitores ouvintes. Essa dificuldade de comunicação resulta na falta de identificação da língua, inicialmente gestual, visual e corporal, o que resulta na falta de um contato familiar mais próximo e, conseqüentemente, em dificuldades para o estabelecimento dos vínculos de afeto.

A ausência de comunicação pelos pais é percebida pela criança. Ela está envolvida, de alguma forma, sente isso e não lhe é permitido comunicar, nem mesmo afetivamente. Não podendo compartilhar com os pais, sente-se estranha, como expresso pela personagem, dentro da vivência de um desprazer fantasmático. Diante do silêncio dos pais e do seu próprio silêncio, não lhe é permitido compartilhar suas experiências, fora da família, como na escola e no hospital, por si mesma. Parece desumanizante para a personagem Sandrine viver com o afeto deficitário dos pais, o qual desejava. Ela não tinha mais o mesmo reconhecimento afetivo como filha, como já havia experimentado, após o diagnóstico de deficiência auditiva.

Outro ponto que podemos destacar a partir da experiência relatada por Sandrine é que o discurso do Outro, que a atravessa por meio da intervenção das especialidades médicas, como fonoaudiólogos e outros especialistas que procuram cuidar do problema auditivo dela, também reforçam o que não pode ser dito pela família, uma negação de sua surdez, como se a ausência de capacidade auditiva representasse um desvio importante na relação de pertencimento, de sujeito com direito ao afeto dos pais. Sandrine poderia ser representante do tabu familiar.

Parafraseando Freud (1977), o tabu abrange o caráter sagrado ou impuro de pessoas ou coisas, como uma espécie de proibição. Há uma diversidade de objetivos do tabu, como o direito a proteger as pessoas importantes do mal, especialmente aqueles que, além de importantes, são considerados fracos, como as crianças, que necessitam ter suas vidas resguardadas em todos os atos, como no momento do nascimento, por exemplo. O tabu também pode carregar o sentido de proteger as crianças pequenas contra a cólera dos deuses, daí a ideia da inocência destas. Esses objetivos citados anteriormente podem vir ao encontro do que ocorreu com a personagem, já que suas idas e vindas aos hospitais e a tentativa de integrá-la à sociedade por meio da aprendizagem da língua oral, como se esta não tivesse restrição auditiva, podem ser interpretadas como “ritos de apaziguamento”. Tais “cerimônias” teriam o poder de expulsar o tabu.

O estudo freudiano da psicologia das neuroses coloca que os impulsos cheios de desejo, ao serem reprimidos, movimentarão a libido na transformação em sentimento de ansiedade. Sem a pretensão de entrar em uma

discussão mais profunda acerca da angústia, a fim de não desfocar do enfoque central da pesquisa, temos, a partir de Freud, que a ansiedade vem de fontes inconscientes. Assim, há algo de desconhecido e inconsciente que surgirá e se conectará com o sentimento posterior de culpa, promovendo razões para o ato de repúdio.

Na perspectiva audiovisual analisada, não estamos diante de neurose. No entanto, percebemos que os pais de Sandrine tentam fugir do mundo real, de uma realidade insatisfatória, para o mundo imaginário, da fantasia. Somente quando Sandrine consegue se encontrar com os seus semelhantes, outros surdos, e consigo mesma, por meio da língua de sinais, ela rompe, viola, o tabu que lhe foi imposto. Pode-se interpretar que ela deixa de ser, para si mesma, um tabu, libertando-se. Nessa fase, Sandrine afasta-se de seu mundo interior, próprio de suas fantasias, e volta-se para o mundo externo, o mundo real, simbolizado, em busca de seus desejos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a afetividade nas relações familiares, em especial na primeira infância, proporcionará à criança elementos fundamentais para um desenvolvimento saudável e progressivo, sendo a figura dos pais um referencial de afeto, conhecimento e incentivo, que tem a incumbência de introduzir o filho no meio social.

No filme “Sou surda e não sabia”, a protagonista Sandrine mostra fragmentos de várias fases da vida, seu desenvolvimento por meio de suas relações imaginárias, reais, com os outros e consigo, uma vida relacional, viva, numa situação fílmica dinâmica, vivenciada por meio de suas emoções e sentimentos reveladores da construção de sua historicidade. E essa historicidade é alcançada no filme por meio de imagens carregadas de significação, que expressavam o corpo de Sandrine, suas expressões e percepções de quando era bebê, criança e adulta, correspondendo a uma noção de ser surda e existir enquanto surda no prazer e no desprazer. Sua história é estruturada por meio da linguagem, suas experiências “primitivas” ou não, são verbalizadas, simbolizadas. Ela se apresenta no filme como

uma intérprete ativa, representando a comunidade surda, seus pares, um lugar social concretizado por meio da mediação linguageira, utilizando a língua de sinais.

Ela expressa que, durante distintas etapas de seu desenvolvimento, houve uma falha de comunicação com o desejo parental, na passagem para a simbolização não lhe foi dito que ela era surda e ela pode ter se identificado com aquilo que não era, com o proibido, com o tabu. Nesse sentido, compreendemos por meio dessa pesquisa, que o uso da linguagem, como a língua de sinais, pode ser um importante e útil veículo para permitir a objetivação de uma intersubjetividade, por meio de uma inter-relação com os outros. Sem esse suporte, o sujeito, como Sandrine mesmo mostra em seu discurso, permaneceria como um ser invisível, sem direito a palavra, sem reconhecimento em um grupo de iguais, o que atrapalharia a comunicação afetiva.

## REFERÊNCIAS

- Bisol, C. & Sperb, T. M. (2010). Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 07-13. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000100002>
- Cromack, E. M. P. C. (2004). Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais. *Psicologia: ciência e profissão*, 24(4), 68-77. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932004000400009>
- Dizeu, L. C. T. B., & Caporali, S. A. (2005). A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. *Educação & Sociedade*, 26(91), 583-597. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302005000200014>
- Freud, S. (1977). Totem e tabu. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.13, pp.11-191). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In P. C. de Souza (Trad.), *Sigmund Freud: Obras Completas* (Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1914).

- Freud, S. (1996). Inibições, sintomas e ansiedade. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 20, pp.153-170). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1926).
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. Ed., São Paulo: Atlas.
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956-1957). Dulce Duque Estrada (trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1996). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Betty Milan (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1998). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-1958). Vera Ribeiro (trad.). Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro: 10: a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 14: a lógica do fantasma* (1966-1967). Edição não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- Lima, D. M. C. A. (Ed.) (2006). *Educação infantil: saberes e práticas da inclusão, dificuldades de comunicação e sinalização: surdez*. [4. ed.] Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial.
- Moreira, C. M. (2014). Tornar-se surdo: Um Processo Histórico e Cultural. *Revista Exitus*. 04(1), 183-202.
- Moura, M. C. (2011). Surdez e Linguagem. In A. M. Góes, A. C. B. Lodi, C. S. Kotaki, C. B. F. Lacerda, J. F. Caetano, K. M. P. Harrison, ... M. L. I. L. Campos. *Língua brasileira de sinais – Libras: uma introdução* (pp. 13-25). Coleção UAB-UFSCar. São Carlos, SP. Edição online disponível em: [http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/690/1/PE\\_LinguabrasileiradesinaisLibrasumaintroducao.pdf](http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/690/1/PE_LinguabrasileiradesinaisLibrasumaintroducao.pdf) . Acesso em: 29/10/2019.

- Rosa, M. D. (2003). O não-dito como operador na clínica com crianças e adolescentes. In R. A. Pacheco Filho, M. D. Rosa, N. Coelho Junior, A. C. Lo Bianco, P. Endo, Carignato, T. T. (Orgs.), *Novas contribuições metapsicológicas à clínica psicanalítica*. (pp. 97-113). Taubaté: Cabral.
- Salles, H. M. M. L., Faulstich, E., Carvalho, O. L. & Ramos, A. A. L. (2004). *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC, SEEP, Brasília.
- Santana, A. P. (2007). *Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas*. Plexus: São Paulo.
- Silva, I. R. (2008). Quando ele fica bravo, o português sai direitinho; fora disso a gente não entende nada: o contexto multilíngue da surdez e o (re)conhecimento das línguas no seu entorno. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 47(2), 393-407.
- Sou Surda e Não Sabia. (2009). *Sourds et Malentendus* (Original). Gênero: Documentário. Direção: Igor Ochrowicz. Elenco principal: Sandrine Herman. França. Duração: 70 minutos. Recuperado de <[https://youtu.be/Vw364\\_Oi4xc](https://youtu.be/Vw364_Oi4xc)>. Acesso em 01 Out. 2018.

Recebido em 09/01/2018

Aceito em 13/08/2019